Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte FSP (Ciência)
Data 29/9/2003 Pg A9
Class. 1054

AMBIENTE *Incêndios de julho a setembro passam de 300 mil, 20% a mais que no ano passado; espécies endêmicas correm risco*

Queimadas ameaçam reservas do cerrado

REINALDO JOSÉ LOPES
FREE-LANCE PARA A **FOLHA**

As áreas de proteção ambiental do cerrado passam por mais uma temporada de incêndios, causados pelo uso das queimadas no manejo do solo. O número de focos de incêndio detectados por satélite, em todo o país, já é pelo menos 20% maior neste ano que no mesmo período de 2002 —e 60% dos focos se localizam no cerrado, um dos ecossistemas mais ameaçados do Brasil.

Embora o problema seja comum no fim da estação seca, os danos à biodiversidade poderão ser mais graves neste ano. Entre as maiores preocupações está a área do Jalapão (TO), ainda pouco estudada e com espécies que só aparecem ali (alto grau de endemismo, como dizem os biólogos).

"É o esperado, mas é frustrante", disse à **Folha** Heloiso Bueno Figueiredo, 59, chefe do Centro Nacional de Prevenção e Controle de Incêndios Florestais do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). Para ele, quase todos os incêndios são gerados pela ação humana, já que as tempestades de raios que podem incendiar a vegetação só começam com a estação chuvosa, em outubro.

Pelo menos seis incêndios em áreas protegidas foram combatidos pelo Ibama neste mês. Entre as áreas afetadas estão o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO), o Parque Nacional da Ilha Grande (entre Paraná e Mato Grosso do Sul), o Parque Nacional da Serra da Canastra (MG), o Parque Nacional de Itatatiaia (RJ), o Parque Nacional do Araguaia (TO) e a região tocantinense do Jalapão, que pode ter perdido 80% da Estação Ecológica Serra Geral, de acordo com o governo do Estado (veja o quadro acima).

Editoria de Arte/Folha Imagem

MAPA DA DEVASTAÇÃO

Conheça as principais áreas de preservação ambiental afetadas pelo fogo

"Os dados sobre os danos ainda são estimativas, que precisam ser revisadas", ressalva Figueiredo.

"No geral, a situação parece pior do que no ano passado no país todo. De julho a setembro, houve 243 mil focos de incêndio [em 2002], enquanto já temos mais de 300 mil neste ano. E o cerrado responde por cerca de 60% disso", diz o biólogo Ricardo Bomfim Machado, 41, diretor do Programa Regional do Cerrado da ONG Conservation International.

De certo modo, o cerrado é o ecossistema brasileiro mais preparado para lidar com o problema dos incêndios. "Estudos históricos mostram que a paisagem do cerrado, como as árvores com cascas grossas e troncos retorcidos, foi moldada pelo fogo", diz Figueiredo. O grande problema, contudo, é que a ocupação agropastoril do bioma pode ter levado a ação desse elemento a um novo patamar, bem menos benigno.

Mais que o natural

"O perigo é a situação atual", explica Machado. "A análise do pólen acumulado no fundo de lagoas desde 18 mil anos atrás sugere que a frequência dos incêndios ficou cerca de 30 vezes maior. Temos incêndios de dois em dois anos, ou anualmente. A gente não tem uma idéia clara de como isso está afetando a fauna, mas é possível que extinções locais estejam ocorrendo", alerta o biólogo.

O ritmo desenfreado dos incêndios tem origem certa: as queimadas que acontecem em volta das áreas protegidas, o modo mais rápido e barato para preparar o solo ou limpar o terreno para o cultivo no fim da estação seca. Queimando pastagens antigas pouco antes das primeiras chuvas, os criadores garantem que o capim rebrote mais palatável para o gado.

Para Machado, a situação atual é preocupante por afetar áreas que devem ter alto endemismo. Um pássaro como o chororozinho-do-bananal (*Cercomacra ferdinandi*), por exemplo, só existe na região do Parque Nacional do Araguaia e é considerado espécie vulnerável pelo Ibama.

Os recursos para o combate ao fogo e para a prevenção são escassos, afirma Figueiredo: "Nós tínhamos R$ 9 milhões previstos no orçamento deste ano, dos quais só cerca de R$ 3 milhões foram liberados até agora. Precisaríamos de R$ 50 milhões". Há cerca de 1.500 pessoas (entre funcionários e brigadistas temporários) capacitadas para lidar com o problema nas cerca de 60 unidades federais de preservação.

"Precisamos investir na prevenção. Dá para diminuir muito o risco de a queimada se espalhar orientando os produtores para que usem aceiros [áreas limpas de vegetação nas bordas do trecho que vai ser queimado], que impedem que as chamas os ultrapassem", afirma Figueiredo.

Um sistema inaugurado anteontem na serra do Curral, perto de Belo Horizonte, busca outra forma de evitar que o problema comece: na estação seca, aspersores umedecem a vegetação, minimizando o risco de fogo.

"Além disso, precisamos criar alternativas de uso e manejo da terra", diz Figueiredo. Machado concorda: "É preciso incentivar uma diversificação maior das atividades. Não dá para ficar com 1.000 ha só de pastagem".

Colaborou a Agência Folha, em Belo Horizonte